

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985) – por Fernanda Martins da Silva

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)

Fernanda Martins da Silva
Mestranda em História – UFGD

RESUMO: Este artigo tem por objetivo refletir sobre as características estéticas e identitárias do *Livro de pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal* (2003), de Manoel de Barros escrito em 1985, década em que o movimento de construção identitária de Mato Grosso do Sul estava em evidência. Como o próprio subtítulo diz, este livro é uma excursão poética pelo Pantanal Sul-mato-grossense, dividido em quatro capítulos, *Livro de pré-coisas*, é uma prosa-poética em que Barros conduz o leitor para “dentro” do Pantanal. Nesta perspectiva buscarei analisar como o poeta se apropria dos elementos pantaneiros e os transfigura em poesia.

PALAVRAS CHAVE: História, Representações, Literatura.

ABSTRACT: This article has as objective to reflect about the aesthetic characteristics and identity of the *Livro de Pré-coisas: roteiro para uma excursão poética no Pantanal*, Manoel de Barros writing in 1985, decade in which the movement of identity construction of Mato Grosso do Sul was in evidence. As the subtitle says, this book is a poetic excursion by Pantanal mato-grossense, divided into four chapters, the Book of pre-things, and a prose-poetic in Barros leads the reader into the Pantanal.

KEYWORDS: History, Representações, Literature.

O abandono do lugar me abraçou de com força.
E atingiu meu olhar para toda a vida.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985) – por Fernanda Martins da Silva

Tudo que conheci depois veio carregado de abandono.
Não havia no lugar nenhum caminho de fugir.
A gente se inventava de caminhos com as novas
palavras.
A gente era como um pedaço de formiga no chão.
Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo.
Menino do Mato, 2010 (Manoel de Barros)

Na obra *Livro de pré-coisas* a natureza não funciona nem como cenário, nem como arsenal retórico. Ela é a matéria-prima da poesia de Manoel de Barros. O poeta conduz o livro como se fosse um roteiro em que o narrador apresenta sua terra natal e viaja por ela. Sua dicção é particular, uma vez que o poeta se apropria da linguagem regionalista do Pantanal Sul mato-grossense e a transcreve em poesia. A característica principal da poesia do escritor é a utilização de lirismo e delicadeza para falar das coisas "menos importantes" para a sociedade imediatista¹. O homem mais importante dessa terra, segundo Barros, é Bernardo², o primeiro habitante da cidade pantaneira, um andarilho. Tanto a figura do andarilho como a de Bernardo da Mata atravessam toda obra de Manoel de Barros representando o que seria um homem desapegado de bens materiais e em total interação com a natureza.

Quando de primeiro o homem era só, Bernardo era. Veio de longe com sua pré-história. (...) É muito apoderado pelo chão esse Bernardo. (...) Bernardo está pronto a poema. Passa um rio gorjeado por perto. Com as mãos aplina as águas. Deus abrange ele. (BARROS, 2003: p. 41.)

¹ Por sociedade imediatista entendemos uma sociedade que seja pautada nas questões imediatas do dia a dia, no qual não haveria tempo para as "coisas banais". Entendemos que a Sociedade imediatista é uma consequência da sociedade capitalista.

² Bernardo da Mata é um personagem que existiu para além da realidade do simbólico. Trabalhou com o pai de Manoel de Barros na fazenda. Na ficção Bernardo aparece em quase todas as obras de Manoel de Barros representando o que seria na perspectiva de Barros o homem ideal, um homem completamente despreendido do materialismo.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Bernardo é quase árvore.
Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem
de longe.
E vêm pousar em seu ombro.
Seu olho renova as tardes. (...)
(...) Bernardo desregula a natureza:
Seu olho aumenta o poente.
(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua
Imcompletude?) (Barros, 2001: p.97)

Mudo de nascença Bernardo da Mata só sabia imitar o som dos navios. E este silêncio, segundo Barros, o aproximava mais ainda da natureza. Segundo entrevista concedida a Pedro Cezar para a filmagem do curta “Só dez por cento é mentira”, Manoel de Barros e outros ex-funcionários da fazenda afirmam que os pássaros pousavam nos ombros de Bernardo e os peixes pulavam em sua mão, Barros atribui tais fenômenos ao total desapego de Bernardo aos valores materialistas.

Através da leitura desta obra, percebemos que a poesia vai se revelando de pequenas coisas, elementos corriqueiros, aparentemente banais, mas que dentro do cenário pantaneiro são de extrema importância, pois são esses os elementos que constroem a vida no Pantanal. Os elementos da poética de Barros são em geral considerados como inútil, uma vez, que vivemos pautados em uma sociedade capitalista e imediatista. Nesse sentido Rodrigues (2006) analisa a obra do poeta como “a poética da inutilidade”.

A influência da esquerda, advinda de sua militância no Partido Comunista do Brasil, é uma constante na obra de Manoel de Barros, pois como ele mesmo afirma em entrevista a Bosco Martins³, sua poética é de esquerda porque enxerga o que o capitalismo rejeita.

Com a poesia de Barros percorremos os rios, as ruas de água, as flores lassas, sobrados podres florindo, o branco das garças, o latim dos sapos, a escritura da lesma, a caligrafia da chuva, o sânscrito dos socós, tradução de borboletas, palavras de água ainda não registradas em dicionário de urubus. A escrita de Barros nos permite descobrir o Agroval, onde a poesia e a prosa copulam do gozo das larvas, micróbios e embriões, armaus, tênia implumes, até a festa uterina das blástulas e gástrulas, sementes e ovas,

³ MARTINS, Bosco. www.youtube.com/watch?=VZeUUXAEZw Acesso em 6/04/2009.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

baile de placentário, inaugural, dos protozoários e algas opalinas, como nos é apresentado no livro.

Os recursos usados pelo poeta na elaboração de sua escrita são diversos. As palavras ganham sentidos múltiplos, pois segundo o próprio poeta, “fazer defeito na frase é mais saudável” (Barros apud: Martins, Lopes e Santini. 2009: p.39). A palavra na sua composição poética não tem um sentido só, vai além, não tem fronteiras: “(...) Palavra é deslimite” (Barros, 2003: p.39) e assim Barros constrói uma prosa poética.

Pode-se observar uma tendência biográfica em suas poesias, pois o sujeito lírico vai se revelando aos poucos e construindo sua identidade. Mesmo não sabendo o local de nascimento do autor, através de sua poesia podemos identificar sua origem. Isto ocorre porque o sujeito lírico de Manoel de Barros demarca para o leitor uma vivência geográfica, o Pantanal Sul-mato-grossense construído através da matéria poética do autor. É um sujeito contador de estórias que descreve e demarca os elementos naturais. E é a partir desta poesia que nos é revelada aspectos do cotidiano do pantaneiro, seja por meio das memórias do autor de suas próprias vivências no Pantanal ou pelas apropriações que o poeta faz da vivência do povo Pantaneiro.

A década de 1980 é marcada no estado de Mato Grosso do Sul pelos movimentos pós divisionistas, caracterizados por buscarem construir uma memória histórica de caráter identitária. No bojo dessas discussões, surge no estado o Movimento Guaicuru⁴, que visa eleger uma identidade para o sul de Mato Grosso.

Nesta perspectiva, o cenário pantaneiro torna-se atrativo para uma série de produções que buscavam construir uma identidade para o sul de Mato Grosso. Contudo, o caráter identitário da obra de Manoel de Barros, não advém da forma com que ele representa suas vivências através de seus poemas, uma vez que o poeta não fez parte

⁴ O movimento guaicuru foi um movimento cultural que nasceu em 1979 em Campo Grande, denominado Unidade Guaicuru de Cultura, surgindo da ânsia de produtores regionalistas, que logo após a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, encontrava-se em crise de identidade cultural, em consequência da nova realidade imposta pelo advento o novo Estado (MS). Cf. ZILIANI, José Carlos. Tentativa de definir a identidade em Mato Grosso do Sul pelo gentílico Guaicuru. *Anais do VI Encontro de História de Mato Grosso do Sul. “Mato Grosso do Sul: Memória e Identidades”*. Campo Grande: UCDB, 2002.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

deste movimento. O que tem direcionado um caráter identitário, recentemente, para a obra de Barros tem sido a recepção histórico-cultural de sua obra. Vale ressaltar que a recepção da obra é tão importante quanto à própria obra e o escritor⁵.

Ao contrário de muitos artistas regionais que ficaram conhecidos primeiro no âmbito regional e posteriormente no nacional, Manoel de Barros ficou conhecido primeiramente no âmbito nacional, quando seus poemas começaram, ainda na década de 1980, a serem publicados em jornais e revistas por Millôr Fernandes, Antônio Houaiss, Fausto Wolf. Fator este que só começou no âmbito regional aproximadamente depois de 2001.

Atualmente existem no estado de Mato Grosso do Sul alguns projetos (em sua maioria por conta da indústria do turismo) que buscam legitimar a obra de Barros como regionalista. Contudo, o poeta ainda é pouco lido e conhecido no âmbito regional.

Quando interrogado por José Castello⁶ em entrevista concedida para o jornal *O Estado de S. Paulo*, sobre qual a relação de sua obra com o regionalismo Barros responde:

Estado - Em que medida Mato Grosso do Sul está presente em sua poesia? Qual é sua relação com o regionalismo?

Manoel de Barros - Há sempre um lastro de ancestralidades que nos situa no espaço. Mas não importa muito onde o artista tenha nascido. O que marca um estilo literário é a maneira de mexer com as palavras. Poesia é um fenômeno de linguagem. De minha parte, confesso que fujo do regionalismo que não dê em arte, que só quer fazer registro. Não gosto de descrever lugares, bichos, coisas da natureza. Gosto de inventar. Quem descreve não é dono do assunto; quem inventa é. Não tenho compromisso com as verdades consagradas. O que desejo é me constar por meio de um trabalho estético. Se de tudo resultar um cheiro de coisa do chão, é bom. Pode até ser que seja regionalismo. Porém, há de ser mais transfigurismo pela palavra (CASTELHO 2007).

⁵ A questão de como a recepção dá sentidos à obra é discutida por Roger Chartier, sobretudo no conceito de apropriação da obra. Cf. CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____ *À beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002. p. 61 – 79.

⁶ CASTELHO, Jose. Manoel de Barros busca sentido da vida. In: O estado de S. Paulo. Caderno 2. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/caste109.html> Acesso em: 26/11/2007.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

E é dentro dessa conjuntura que analiso o que Manoel de Barros chamou de pré-coisa, ou seja, a matéria natural (espaço/Pantanal) modificada em matéria de poesia (a pré-coisa), que uma vez transformada em matéria de poesia deixa de ser a coisa e passa a ser apenas a anunciação da coisa, portanto, uma pré-coisa.

O primeiro capítulo do *Livro de pré-coisas, Ponto de Partida* é composto por dois poemas, no primeiro, *Narrador apresenta sua terra natal*, o autor leva o leitor para o Pantanal e apresenta a cidade de Corumbá como sua terra natal.

O poema retrata um dia na cidade de Corumbá. Nos três primeiros versos o poeta dá ao leitor a noção temporal em que ele começa o poema. Em seguida ele apresenta Corumbá como o portão de entrada para o Pantanal. *Narrador apresenta sua terra natal* é um poema descritivo, no qual Manoel de Barros retrata as principais características da cidade, possibilitando, que até mesmo quem nunca viu a cidade, consiga construí-la em seu imaginário. O poema fala especificamente da cidade velha, que tem como paisagem o rio Paraguai, onde a prática da pescaria pode ser observada e a presença da natureza toma a paisagem dos antigos casarões “(...) *As ruínas dão árvores!/ Nossos sobrados enfrutam*” (Barros, 2003: p.11-12).

Uma das questões mais intrigantes a cerca da identidade do próprio poeta está posta neste poema. Afinal, como pode Manoel de Barros ser um representante da cultura Sul-mato-grossense, sendo ele um cuiabano? Esta questão pode ser respondida a partir do que entendemos por identidade cultural. Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2005), identidade e o sentimento de pertencimento estão inteiramente relacionados, e ambos, apesar do que muitos acreditam não são sólidos, concretos. Podendo assim, um indivíduo ter mais de uma identidade ao decorrer de sua existência, então, o que vai determinar a identidade de um indivíduo não é o lugar onde ele nasceu, mas sim o sentimento de pertencimento, de onde ele se sente pertencente.

O lugar de pertencimento não é de onde advém o poeta: “*O que temos na cidade além de águas e de pedras / são cuiabanos, papa-bananas, chiquitanos e turcos. / Por mim, advenho de cuiabanos*” (Barros, 2003: p.12), mas sim de onde ele construiu suas memórias. O poeta afirma ter vindo de Cuiabá, mas deixa claro no título do poema que sua terra natal é

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Corumbá. O poeta ainda afirma em entrevista a Bosco Martins⁷ que escreve a partir da realidade Sul Mato-grossense por ter se mudado ainda pequeno para Corumbá e ter construído ali sua memória, suas referências. A partir deste contexto é que vejo Manoel de Barros como um poeta Sul-Mato-Grossense e não Mato-Grossense.

Em seguida o poeta faz um breve relato de sua saída de Cuiabá, e segue falando de Corumbá e do Pantanal, “*Aqui o silêncio rende. / Os homens deste lugar são mais relativos a águas / do que a terras.*” (Barros, 2003: p.12). As águas são de fundamental importância na construção da identidade pantaneira, pois, é o ciclo das águas que determina os ciclos de vida no Pantanal e conseqüentemente valoriza a importância da terra. Seja a abundância das águas nas enchentes ou sua ausência na seca.

O universo predominante em Manoel de Barros é do homem que vive em constante relação com a água, terra, ar, natureza animal, natureza vegetal, embora a predominância para as poesias destacadas seja o universo água. A busca da identidade do pantaneiro tem a mesma sinuosidade dos traçados de sua rede fluvial. Essa busca do rio serve de base para encontrar uma identidade.(...) O rio e suas relações na vida do bugre são a unidade necessária para que o sujeito se desloque, são a unidade pela qual faz sentido, (...) Sujeito e sentido se configuram ao mesmo tempo e é nisso que consistem os processos de significação.(AZEVEDO, 2006: p.21)

A importância das águas para o pantaneiro é posta em cada cena do cotidiano reconstruída através dos poemas de Barros, ao longo desta obra o poeta fala sobre o ciclo das águas e relatividades dos seres e dos homens do Pantanal às águas.

O poeta revela que os pantaneiros são cheios de causos e lendas. “(...) *As pessoas são cheias de prenúncios: chegam de ver / pregos nadar e bugio pedir a bênção*” (Barros, 2003: p.12). Segundo Barros, é esta natureza que limpa dos seus olhos a civilização.

O último verso deste poema, “(...) *Os homens deste lugar são uma continuação das águas*” (Barros, 2003: p.13) nos remete à sua próxima produção, referindo ao *Guardador de Águas (1989)*, uma vez que o próprio poeta afirma em entrevista a Martins, Lopes e Santini

⁷ MARTINS, Bosco. In: www.youtube.com/watch?v=XWoxt_uteow. Acesso em 6/04/2009

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

(2008: p. 39) que sua obra é uma continuidade, vindo uma sempre para suprir o que faltou na outra.

O segundo poema, *Em que o narrador viaja de lancha ao encontro de seu personagem* (Barros, 2003: p.15), o poeta relata sua saída da cidade de Corumbá em rumo ao Pantanal, através de uma lancha que segue para o Pantanal pelo rio Paraguai, “(...) *Deixamos Corumbá tardeando*” (Barros, 2003:p.15). Novamente o poeta nos dá o recorte temporal, sabemos que sua viagem acontece no fim da tarde e que durará onze horas, “*Onze horas em lombo de água!*” (Barros, 2003:p.15).

Manoel de Barros faz, neste poema relatos de como as coisas acontecem dentro da lancha e em volta na paisagem, narrando a margem do rio até o momento em que a lancha chega ao portão do Pantanal, este fato é posto no poema através do verso “(...) *Este é o portão da Nhecolândia, entrada pioneira para o Pantanal.*” (Barros, 2003:p.16) Nheacolândia é um termo usado pelos índios nativos para denominar a região do Pantanal.

A invenção de palavras, como por exemplo, o segundo verso deste poema “*Empeixado e cor de chumbo, o rio Paraguai flui entre árvores com sono...*” é uma constante na obra de Barros. O poeta usa a palavra *empeixado* para dizer que o rio está cheio de peixe, para Alexandre Ricardo Rodrigues (2006) estas são palavras cursivas e por isso não formam imagem, já para outros autores como Adélia Menegazzo (2004) o uso desse tipo de linguagem é o que possibilita a construção de imagens surreais.

Outra constante, que podemos observar na obra de Manoel Barros é o redimensionamento das figuras de linguagem como metáfora e a catacrese, que na falta de uma palavra que expresse o sentido almejado, é aproveitada uma palavra já existente na língua portuguesa para atribuir sentido.

A poesia de Manoel de Barros é construída de rupturas, de frases fragmentadas, de montagens insólitas, de complexas metáforas, inusitadas e incongruentes. As categorias gramaticais passam nas mãos do poeta por um processo de subversão, através do qual adquirem um valor diferente, ditado não por regras estabelecidas, mas pela necessidade de traduzir a realidade em uma nova semântica. (SILVA, 2004: p.793-798)

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Em síntese, isto é o que Barros chamou de *Ponto de partida*, estes são os dois poemas que compõem o primeiro capítulo desta obra, eles tem a função de apresentarem ao leitor a cidade de Corumbá, como portão de entrada do Pantanal, segundo o poeta, e os levarem até o portão da Nhecolândia, que para o autor é a entrada pioneira do Pantanal. A partir de então ele passa para o seu segundo capítulo, *Cenários*, a função de narrar as cenas produzidas no Pantanal, construindo através de seus sete poemas uma representação do espaço geográfico e dos costumes do povo pantaneiro.

O primeiro poema deste capítulo, *Um rio desbocado* (Barros, 2003: p.19), trata dos ciclos das águas no Pantanal e sua importância e consequências para a região. O próprio título já diz que este é um rio desenfreado, mas o poeta reforça nos primeiros versos. “*Definitivo, cabal, nunca há de ser este rio Taquari. / Cheio de furos pelos lados, torneiral __ ele derrama e / destramela à toa.*” (Barros, 2003: p.19), Para o poeta o rio Taquari está longe de ser algo pronto e acabado, mas sim um rio cheio de surpresas que enche e transborda á toa. Em seguida o poeta narra o rio transbordando na época de cheia.

Só com uma trombe-d’água se engravida. E empacha. Estoura. Arromba. Carrega barrancos. Cria bocas enormes. Vaza por elas. Cava e recava novos leitos. E destampa adoidado... (BARROS, 2003: p. 19.)

Em forma de prosa poética, o poema fala sobre a função que o rio exerce para os animais, para o campo e para a população ribeirinha do Pantanal. “*Estanca por vezes nos currais e pomares de algumas fazendas. Descansa uns dias debaixo das pimenteiras, dos landis, dos guanandis __ que agradecem. / De tarde à sobra dos cambarás pacus comem frutas. / Meninos pescam das varandas da casa*” (Barros, 2003: p.20). Podemos perceber através destes versos, o período de escoamento das águas, além do mais, o poeta cita algumas espécies de plantas do Pantanal como é o caso do cambará, e ainda constrói as cenas como a dos pacus comendo frutas á sombra do cambará e dos meninos pescando das varandas de casa. Cenas assim são comuns, na época de cheia no Pantanal. Contudo, o poeta também se preocupa em relatar o cenário do Pantanal após a cheia.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Com pouco, esse rio se entedia de tanta planura, de tanta lonjura, de tanta grandura __ volta para sua caixa. Deu força para as raízes. Alargou, aprofundou alguns braços ressecos. Enxertou suas areias. Fez brotar sua flora. Alegrou sua fauna. Mas deixou no Pantanal um pouco de seus peixes.

E empenhou de seu limo, seus lanhos, seu húmus __ o solo do Pantanal.
Faz isso todos os anos, como se fosse uma obrigação.

Tão necessário, pelo que tem de fecundante e renovador, esse rio Taquari, desbocado e malcomportado, é temido também pelos seus ribeirinhos.

Pois, se livra das pragas nossos campos, também leva parte de nossos rebanhos.

Este é um rio cujos estragos compõem. (BARROS, 2003: p. 20.)

É a cheia que dá vida ao Pantanal, após o escoamento das águas as raízes ficam fortalecidas, os pastos mais verdes e os rios cheios de peixes. Esse é o ciclo das águas do Pantanal, tão necessário e temido, como o próprio poeta ressalta, temido pelos ribeirinhos que ficam com as consequências, boas e ruins. Todavia, Manoel de Barros resume tudo em uma só frase, *“Este é um rio cujos estragos compõem”*.

O segundo poema do segundo capítulo retrata mais uma das características da poética de Manoel de Barros, intitulado *Agroval*, este poema fala da existência dos seres minúsculos do Pantanal. Trabalhando o desprezível, como por exemplo, a reprodução de vermes.

Agroval

Por vezes, nas proximidades dos brejos ressecos, se encontram arraias enterradas. Quando as águas encurtam nos brejos, a arraia escolhe uma terra propícia, pousa sobre ela como um disco, abre com as suas asas uma cama, faz chão úbere por baixo __ e se enterra. Ali vai passar o período da seca. Parece uma roda de carreta adernada.

Com pouco, por baixo de suas abas, lateja um agroval de vermes, cascudos, girinos e tantas espécies de insetos e parasitas, que procuram o sítio como em ventre.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Ali, por debaixo da arraia, se instaura uma química de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural. A troca de linfas, de reima, de rúmen que ali se instaura é como um grande tumor que lateja.

Faz-se debaixo da arraia a miniatura de um brejo. A vida que germinava no brejo transfere-se para o grande ventre preparado pela matrona arraia. É o próprio gromel dos cascudos!(...). (BARROS, 2003: p. 12.)

Contudo, mais do que retratar esses seres minúsculos, Manoel de Barros nos faz refletir sobre a relação de mutualismo posta em questão. Quando falamos em mutualismo lembramos das trocas de favores que se estabelece entre as espécies, no amparo que uma dá a outra, e lembramos do que diz o poeta em seu primeiro poema deste livro “(...) *Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves.*” (Barros, 2003: p.12). Pois, a impressão que temos é que o autor vai para o Pantanal para analisar como as coisas podem ser simples e grandiosas, e conseqüentemente esquecer da civilização individualista. Pois para o poeta isso “(...) *É a pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompôr a natureza.*” (Barros, 2003: p.23).

O terceiro poema, *Vespral de chuva* é um poema dedicado a narrar à véspera da chuva no Pantanal, Manoel de Barros consegue descrever todos os indicadores de chuva, ele começa relatando o calor, que sempre antecede as chuvas desta região, “(...) *O zinco do galpão estala de sol. (...) / Faz muito calor durante o dia.*” (Barros, 2003: p.25), depois ele vai narrando os fatos que antecedem as chuvas.

Chuva que anda por vir está se arrumando no bojo das nuvens. Passarinho já compreendeu, está quieto no galho. Os bichos de luz assanharam. Mariposas cobrem as lâmpadas. Entram na roupa. Batem tontas nos móveis. Suor escorre no rosto.

Todos sentem um pouco na pele os prelúdios da chuva. Um homem foi recolher a carne estendida no tempo ___ e na volta falou: ___ Do lado da Bolívia tem um barrado preto. Hoje chove!(...).

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Tudo está preparado para a vinda das águas. Tem uma festa secreta na alma dos seres. O homem, nos seus refolhos presente o desabrochar.

Caem os primeiros pingos. Perfume de terra molhada invade a fazenda. O jardim está pensando...

Em florescer. (BARROS, 2003: p. 25 -26.)

Em síntese, este poema fala de um fator muito importante para o Pantaneiro, que é a chuva, ou como prefere o poeta, a vinda das águas. Manoel de Barros transcreve para o poema os mínimos acontecimentos que antecedem uma chuva, como por exemplo, a movimentação das formigas e o estudo da lua á noite, estes exemplos fazem parte da cultura deste povo, e ocorrem frequentemente até os dias de hoje, assim como, o rito de cobrir os espelhos. Por fim ele termina o poema com a palavra “florescer”, meio que dando uma continuidade nos demais poemas, como o primeiro que termina em “estragos que compõem”, o segundo “recompor a natureza”, deixando claro a importância das águas na construção da vida no Pantanal, questão esta que ele segue enfatizando no poema seguinte.

O quarto poema, *Mundo renovado* é uma continuação de *Vespral de chuva*, aqui o poeta fala da manhã seguinte de uma noite de chuva, ele relata como os pastos amanhecem mais verdes, as pessoas mais alegres, o mundo mais renovado, pois, tudo floresce e se multiplica no Pantanal com as chuvas, inclusive os bens do fazendeiro.

O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas.(...).

Incrível a alegria do capim. E a bagunça dos periquitos! Há um refferver de insetos por baixo da casca úmida das mangueiras.(...).

A pelagem do gado está limpa. A alma do fazendeiro está limpa. O roceiro está alegre na roça, porque sua planta está salva. Pequenos caracóis pregam saliva nas roseiras. E a primavera imatura das araras sobrevoa nossas cabeças com sua voz rachada de verde. (BARROS, 2003: p. 29-30.)

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

No primeiro parágrafo desta prosa poética, Manoel de Barros avisa, “*No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.*” e é essa sua tentativa, mostrar que nesta região a existência, a vida, a composição não tem limites. Para isso, Barros escreve sobre os detalhes, para dar ao leitor uma idéia do tamanho e diversidade de seu objeto, de sua matéria de poesia.

O quinto poema do segundo capítulo, *Carreta pantaneira*, também em forma de prosa poética, o poeta fala da teoria do Pantanal estático, onde as coisas não acontecem por causa do movimento mais sim por causa do não-movimento. Usando como exemplo uma Carreta de boi ele explica melhor.

Carreta pantaneira.

As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo: desacontecem.

Dez anos de seca tivemos. Só trator navegando, de estadão, pelos campos.

Encostou-se a carreta de bois debaixo de um pé de pau. Cordas, brochas, tiradeiras __ com as chuvas, melaram. Dos canzís, por preguiça, alguns faziam cabos de rio. Outros usavam para desemendar cachorro. Os bois, desprezados, iam engordando nos pastos. Até que os donos, não resistindo tanta gordura, os mandavam pro açougue. Fazendeiro houve, aquele um, que havendo de passear pela Europa, enviou bilhete ao gerente: “Venda carreta, bois do carro, cangas de boi.”

À sombra do pé de pau a carreta se entupia de cupim. A mesa, coberta de folha e limos, se desmanchava, apodrecente. Chegaram a tirar mel na cambota de uma. Cozinheiros de comitiva, acampados debaixo da carreta, chegavam de usar o cabeçalho para tirar gravetos. Enchia-se o rodado de pequenas larvas, que ali se reproduziam, quentes. Debaixo da carreta, no chão fresco, os buracos na areia, para onde os cachorros e os perus velhos corriam fugindo do sol. E a carreta ia se enterrando no chão, se desmanchando, desaparecendo.

Isso fez que o rapaz, vindo de fora pescar, lembrasse a teoria do Pantanal estático. Falava que no Pantanal as coisas não acontecem através de movimentos, mas sim do não-movimento.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

A carreta pois para ele desaconteceu apenas. Como haver uma cobra troncha. (BARROS, 2003: p. 31.)

Dessa forma, Barros reconstrói mais um cenário do Pantanal sul-mato-grossense, levantando mais um contraponto com a civilização, onde as coisas só acontecem através da movimentação, ele mostra que no Pantanal elas também acontecem sozinhas, este poema é uma introdução para a questão que Barros levanta no poema seguinte, *Lides de campear*. Pois, muitos não conseguem entender essa dinâmica que ocorre entre os ciclos da vida no Pantanal, e isso, é um dos fatores que acaba por gerar comentários preconceituosos a cerca do Pantaneiro. Na tentativa de quebrar alguns paradigmas Barros explica através do poema *Carreta pantaneira*, como as coisas acontecem desacontecendo, e parte para o sexto poema deste capítulo, *Lides de campear*, que tem a função de esclarecer a forma de trabalho do pantaneiro, desmistificando o estereótipo criado a cerca deste.

O poeta começa retratando a forma como o pantaneiro é definido, “(...)definição de pantaneiro: *‘Diz-se de, ou aquele que trabalha pouco, passando o tempo a conversar’.*” (Barros, 2003: p.33) Em seguida desmistifica, assinalando o que é verdade e o que é mentira, “*Passando o tempo a conversar pode ser que se ajuste a um lado da verdade; não sendo inteira verdade. Trabalhando pouco, vírgula.*” (Barros, 2003: p.33). e ressalta que o que determina a questão é a natureza do trabalho, a Lides de capear não pode ser comparada com outras formas de trabalho ela tem que ser antes entendida dentro de seu contexto, para isso Manoel de Barros dá algumas dicas nos ajuda a entender esse trabalho.

Começamos pela lida, que se dá sempre à cavalo, os pantaneiros passam o dia inteiro em cima do lombo do animal campeando, quando não semanas e meses nas comitivas. Diante dessa realidade, é compreensível que o pantaneiro passe boa parte do tempo a conversar.

(...)Natureza do trabalho determina muito. Pois sendo a lida nossa de a cavalo, é sempre um destampo de boca. Sempre um desafiar. Um porfiar inerente. Como faz o bacurau.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

No conduzir de um gado, que é tarefa monótona, de horas inteiras, Às vezes de dias inteiros __ é no uso de cantos e recontos que o pantaneiro encontra o seu ser. Na troca de prosa ou de montada, ele sonha por cima das cercas. É mesmo um trabalho na larga, onde o pantaneiro pode inventar, transcender, desorbitar pela imaginação.

Porque a maneira de reduzir o isolado que somos dentro de nós mesmos, rodeados de distâncias e lembranças, é botando enchimento nas palavras. É botando apelidos, contando lorotas. É, enfim, através das vadias palavras, ir alargando os nossos limites.(...) (BARROS, 2003: p. 33 - 34.)

Assim, para o poeta o fato do pantaneiro contar causos, cantos, recontos e lorotas, não é apenas uma forma de “*passar o tempo*”, mas também, o seu pequeno mundo de conhecimentos, é através deles que ele vence o isolamento e conseqüentemente enriquece o seu vocabulário e amplia seus limites. Contudo, para que não aja equívocos, o poeta explica que na hora de trabalhar o pantaneiro não deixa a desejar, “*Mas na hora do pega-
pra-capar, pantaneiro puxa na força, por igual. No lampino do sol ou no zero do frio.*” (Barros, 2003: p.34).

E no caso de alguém insistir em dizer que o pantaneiro é preguiçoso, o poeta ressalta no final de seu poema.

Erroso é pois incutir que pantaneiro pouco trabalha. Ocorre que enxertar a vaca a gente não pode ainda. Esse lugar é difícil de se exercer pelo touro. Embora alguns tentem.

Vaca não aceita outro que não seja touro mesmo. O jeito é ficar reparando a cobertura e contando mais um bezerro daquele ato.

Só por isso se diz que o boi cria o pantaneiro. (BARROS, 2003: p. 34-35.)

Entendemos então, que *Lides de campear*, além de esclarecer os modos de trabalho do pantaneiro, retrata também um pouco do cotidiano dos pantaneiros, dos seus modos de vida e um pouco do seu vocabulário, como por exemplo, o uso de termos como: “*Assim, o peão de culatra é bago-de-porco __ porque vem por detrás. (...) Cavalo corredor é estufador*

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

de blusa.” Entre outros que o poeta faz questão de usar na sua poética. Outra questão posta neste poema é a recepção que a cultura pantaneira tem fora do Pantanal⁸, sendo esta uma recepção negativa, justifica-se a necessidade de desconstruir velhos paradigmas.

O sétimo e último poema deste capítulo, *Nos primórdios*, como o próprio título já diz, o poeta faz um retorno aos primórdios do Pantanal, este poema tem a função de nos fazer entender um pouco esse cenário proposto pelo poeta nesse segundo capítulo, o poema começa falando dos primeiros componentes que existiram no Pantanal. “*Era só água e sol de primeiro este recanto.(...) / (...)As coisas ainda inominadas. Como no começo dos tempos.*” (Barros, 2003: p.37). Em seguida o poeta começa a relatar o começo das coisas, “*Logo se fez a piranha. Em seguida os domingos e feriados.*” Acreditamos que mas do que ter a intenção de explicar como realmente a vida começou a se multiplicar no Pantanal, o poeta pretende fazer uma síntese do que é esse Pantanal, cheio de cenários e vida se multiplicando. Até porque segundo o autor: “*Nem precisava dizer cresci e multipliquei. Pois já se faziam filhos e piadas com muita animosidade.*” (Barros, 2003: p.37).

Contudo, Manoel de Barros nos mostra através de suas representações, que tudo no Pantanal são conseqüências, nada acontece simplesmente porque acontece, é como se fosse uma seleção natural, de hábitos, costumes, meios de vida, etc. etc. um exemplo desta “seleção natural” está na natureza de trabalho do pantaneiro que tanto foi discutida no poema anterior, e que nesse o poeta retoma como se fosse algo para complementar.

O homem havia sido posto ali nos inícios para campear e hortar. Porém só pensava em lombo de cavalo. De forma que só campeava e não hortava.

Daí que campear se fez de preferência por ser atividade livre e andeja. Enquanto que hortar prendia o entre no cabo da enxada. O que não era bom.

No começo contudo enxada teve seu lugar. Prestava para o peão encostar-se nela a fim de prover seu cigarrinho de palha. Depois, com o desaparecimento do cigarro de palha, constatou-se a inutilidade das enxadas.

___ O homem tinha mais o que não fazer! (BARROS, 2003: p. 38.)

⁸ Sobre a recepção da cultura pantaneira pela crítica C.f. CÂMARA. Ricardo Pieretti. *Os causos: uma poética pantaneira*. 2007. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Letras (FFCHL) São Paulo, USP, 2007, 393; NOGUEIRA, Albana Xavier. *Pantanal: Homem e cultura*. Campo Grande/MS: ed. UFMS, 2002

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Em síntese, este segundo capítulo teve a função de desconstruir e construir algumas cenas da realidade do Pantanal, trabalhando as cenas mais importantes para o povo pantaneiro, como o rio, o mutualismo das coisas, a chuva e os meios de vida e trabalho deste povo que, como afirma Albana Nogueira (2002), é tão menos “civilizado” e tão “evoluído” ao mesmo tempo, tão “sábio”.

O terceiro capítulo desta obra, *O personagem*, possui dez poemas, é o maior capítulo deste livro. Dos dez poemas deste capítulo três falam sobre Bernardo: *No Presente*, *No tempo de Andarilho* e *Na mocidade feito lobisomem*, Bernardo é um personagem que transita em quase todas as obras do poeta, se multiplicando dentro dos inúmeros *alter egos* do poeta, como afirma o próprio Manoel de Barros em entrevista à Folha de São Paulo⁹.

O primeiro poema deste capítulo intitulado *Nos primórdios* é uma continuação do último poema do segundo capítulo intitulado *No presente*. *No presente*, é o poema em que Manoel de Barros apresenta Bernardo da Mata.

Neste poema é construída uma imagem para Bernardo, podemos saber através do poema que ele usa sempre chapéu, roupas velhas, que tem o cabelo volumoso, que fuma e vive em contato com a terra. “*é muito apoderado pelo chão esse Bernardo*” (Barros, 2003: p.41) o fato de Bernardo ser apoderado pelo chão demonstra sua identidade pantaneira, sendo assim, a figura de Bernardo aqui é representar o homem pantaneiro nas suas mais diversas formas de vida, seja ele um andarilho, muito comum nessa região onde as cheias apagam os caminhos antigos, e a cada vez que as águas escoem novos caminhos são traçados, seja como lenda.

Com bichos de escamas conversa. Ouve de longe a botação de um ovo de jacarua. Sonda com olho gordo de hulha quando o sáurio amolece a oveira. Escuta o entre germinar ali ainda implume dentro do ventre. Os embriões do ovo ele vislumbra prazenteiro. Ri como fumaça. Seu maior infinito!

Quando o corpo do sáurio se espicha no ereão, a fim de delivrar-se, Bernado se ilumina. Pequena luzerna no pavio de seu olho brandeia. A jacarua e ele se miram imaculados. A própria ovura! (BARROS, 2003: p. 42.)

⁹ *Folha de S. Paulo*. Manoel de Barros cisca “Grandezas do Ínfimo” <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrd/fq2811200116.htm> acesso em 30/11/2007.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985) – por Fernanda Martins da Silva

Bernardo aqui é um ser que interage com a natureza, ou melhor, ele faz parte da natureza, ele está intrinsecamente ligado ao Pantanal, mesmo que tenha vindo dos garimpos de Cuiabá. *“Veio de longe com a sua pré-história. Resíduos de um Cuiabá-garimpo, (...)”*(Barros, 2003: p.41). Por fim, Manoel de Barros conclui que Bernardo é matéria natural, ou seja, pode ser transfeito em matéria de poesia,. *“Bernardo está pronto a poema. Passa um rio gorjeado por perto. Com as mãos aplaina as águas. / Deus abrange ele.”* (Barros, 2003: p.43)

O segundo poema do terceiro capítulo, *No Serviço (voz interior)*, o poeta fala sobre o seu ofício, começa dizendo que o que faz é servicinho à toa e compara com um passarinho à toa. Em seguida ele fala sobre tudo o que o cerca, e resume *“(...) De modo que existe um cerco de insignificâncias em torno de mim: atonal e invisível.”* (Barros, 2003: p.45). e continua a falar do seu *“(...) Serviço com natureza vil de ranho.”* (Barros, 2003: p.45), o serviço posto aqui por Barros é o ato de transformar tudo que há no Pantanal em poesia, seja a existência de Bernardo, posto no poema anterior, os seres minúsculos como os vermes, as cenas do Pantanal. Tudo o que é natureza. Pois a intenção de Barros com este livro é transfazer a natureza, é dar estado de animação às coisas e seres inanimados.

Tudo sem pé nem cunhado. Tem hora eu ajunto ciscos debaixo das portas onde encontro escamas de pessoas que morreram de lado. Meu trabalho é cheio de nó pelas costas. Tenho de transfazer natureza. À força de nudez o ser inventa. Água recolhendo-se de um peixe. Ou, quando estrelas relvam nos brejos. No meu serviço eu cuido de tudo quanto é mais desnecessário na fazenda. Cada ovo de formiga que alimenta a ferrugem dos pregos eu tenho de recolher com cuidado. (...) E quando cessa o rumor das violetas desabro. Derrubo folhas de tarde. E de noite empedreço. Amo desse trabalho. Todos os seres daqui têm fundo eterno. (BARROS, 2003: p. 46.)

E é dessa forma que Barros constrói a pré-coisa, transfazendo a natureza em poesia, e elevando a condição das coisas acima do homem. Contudo, a partir do momento que ele redimensiona a condição das coisas dos seres ele conseqüentemente redimensiona o papel

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

do homem, pois dar a condição humana às coisas inanimadas é igualá-las a condição de seres humanos, e é justamente por essa inversão que Barros busca na natureza seus personagens.

O terceiro poema do terceiro capítulo, *No tempo de andarilho*, Barros relata um fato muito constante pela região do Pantanal, que é a presença de andarilhos, ele começa falando do ciclo de vida desses no Pantanal. Pois bem, segundo o poema em questão eles andam durante seis meses, que é o período da seca, e na época das cheias quando as estradas são cobertas pelas águas eles pedem estadia em algum rancho, onde trabalham em troca de pouso e comida, mas Barros ressalta, eles não gostam de trabalhar por vocação. “(...) *O andarilho é um antipiqueteiro por vocação. (...) / Está com raiva de quem inventou a enxada.*” (Barros, 2003: p.47-48).

Segundo o poema de Barros, os andarilhos chegam sempre com escuro e com pelo menos dois cachorros magros e já vão se apoderando do galpão, “(...) *Chega em geral com escuro.(...) / Abeira-se do galpão, mais dois cachorros, magros, pede comida, e se recolhe em sua vasilha de dormir, armada no tempo.*” (Barros, 2003: p.47)

Contudo, Manoel de Barros, para melhor enfatizar a sua narração dá o exemplo de Bernardão, um andarilho que sempre aparece na fazenda em tempos de cheia, e trabalha em troca de bóia, “(...) *Enquanto as águas não descem e as estradas não se mostram, Bernardo trabalha pela bóia. Claro que ele resmunga.*” (Barros, 2003: p.48), Bernardo neste poema é um dos *alter egos* de Barros e andarilho aqui é objeto de admiração, pois em entrevista a Folha de São Paulo Barros admite ser esse uns dos seus sonhos frustrados. “Deixo aos meus alter egos a tarefa de realizar os sonhos meus frustrados. Por exemplo: eu quis ser andarilho no Pantanal. Mas nunca agi no sentido de ser um andarilho. Então inventei alguns que fizeram isso por mim”¹⁰, Para Manoel de Barros a interação homem e natureza e a inocência começaram com os andarilhos e os hippies os imitam por todo o mundo.

¹⁰ *Folha de S. Paulo.* Manoel de Barros cisca “Grandezas do Ínfimo” <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrd/fq2811200116.htm> acesso em 30/11/2007

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Os hippies o imitam por todo o mundo não faz entretanto brasão de seu pioneirismo. Isso de entortar pente no cabelo intratável ele pratica de velho. A adesão pura à natureza e a inocência nasceram com ele. Sabe plantas e peixes mais que os santos.

Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza, conseguirão restaurar dentro deles essa inocência. Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopéia do consumismo.

Porque já desde nada, o grande luxo de Bernardo é ser ninguém. Por fora é um galalau. Por dentro não arredou de criança. É ser que não conhece ter. Tanto que inveja não se acopla nele. (BARROS, 2003: p. 48.)

O andarilho que aqui é representado na figura de Bernardo faz uma crítica aos que se dizem adeptos da natureza, questionando sua “inocência” e sua “resistência ao consumismo”. O poema nos faz refletir sobre as práticas e costumes construídos pelo capitalismo, mas sobretudo revela mais uma vez o sujeito da admiração de Barros, uma mistura de andarilho com Bernardo, o “homem ideal” na perspectiva de Barros, completamente desapegado e inteiramente sintonizado com a natureza.

Esta questão nos remete novamente para o primeiro poema, onde o poeta diz: “(...) *Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves.*” (Barros, 2003: p.12). Quando o poeta recorre aos cenários e personagens pantaneiros para limpar dos seus olhos a civilização, ele constrói uma representação do Pantanal como um lugar onde ele ainda consegue fugir de toda a civilização. Nogueira (2002) desconstrói esta perspectiva em sua obra *Pantanal: homem e cultura* falando, por exemplo, do quanto a tecnologia já tem mudado os costumes dos pantaneiros. Todavia vale ressaltar, que a obra de Barros é escrita a partir de suas memórias sobre o Pantanal e que em grande parte são memórias de sua infância.

O quarto poema do terceiro capítulo, *Um amigo*, fala sobre um cágado¹¹, no primeiro momento do poema Barros procura descrever o animal enfatizando sua relação com as

¹¹ Cágado pertence a ordem dos quilônios, assim como os jabutis, o cágado e é uma espécie de tartaruga pequena, no Pantanal é comum achar esta espécie típica de águas doces.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

águas. O poema fala sobre a forma do animal, lamentando que esse não pode sentir o frescor das águas devido a casca que leva sobre as costas, enfim, primeiramente Barros faz uma análise do que é e como se comporta um cágado, num segundo momento ele busca relatar este animal dentro das cenas do cotidiano, fala sobre a chegada de um cágado no quintal e como foi sua recepção pelas crianças, cachorros, galinhas e papagaios. Novamente em forma de prosa poética, o poeta utiliza se de termos regionalistas para retratar tal acontecimento, como por exemplo: “(...) *já estava decidida a sua desforma (...)/ Ficaram de longe cubando. (...) / mexericou (...).*” (Barros, 2003: p.50).

O quinto poema do terceiro capítulo, *Na mocidade, feito lobisomem*, fala sobre as lendas e mitos do Pantanal, “(...) *Pantanal é muito propício a assombrações.*” (Barros, 2003: p.53), Nesse poema Manoel de Barros enfatiza, como o cenário e os personagens pantaneiros propiciam a criação de lendas e mitos, “(...) *Pantanal tem muitos veios para esses indumentos.*” (Barros, 2003: p.54) E dá exemplos da dimensão desses fatos que já se tornaram parte da cultura pantaneira, onde peões, cozinheiras e andarilhos passam horas a contar seus causos. Alguns até se utilizam dessas estórias para justificar outras estórias, como por exemplo, visita no quarto das moças á noite. “(...) *Vento que sopra na folha do rancho pode que seja. Passos no quarto da moça, imitando com passo de gente, já ouvi chamar de lobisomem.*” (Barros, 2003: p.53). Isso também ocorre com as lendas que envolve as viúvas. “(...) *Parente de viúva aparece muito de noite. Pede mingau, pede vela e se vai. Às vezes até pede para a viúva acompanhá-lo do outro lado do mato, (...)*” (Barros, 2003: p.53) e Barros conclui que “(...) *São mansos de coçar entretanto esses lobisomens. Explicam bem o avesso: ou, aliás, isto é: não se explicam.*” (Barros, 2003: p.53-54). A construção de todo um imaginário em volta dessas estórias, faz parte da identidade cultural dos pantaneiros.

No sexto poema do terceiro capítulo, *Retrato de irmão*, Manoel de Barros em um primeiro momento eleva a terra na condição de irmão, por ser essa uma das maiores ligações do ser pantaneiro. E constrói um retrato implícito a partir das coisas que brota dela como a vergõntea e das coisas que rastejam sobre ela como o lagarto. Contudo, a função deste poema é nos mostrar a origem do *Livro de pré-coisas*, este que advém de um Tratado de Metamorfoses deixado pela terra e que o poeta faz questão de transcrevê-lo.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Retrato de irmão

Era um ente irresolvido entre vergôntea e lagarto.

Todos que externam desterro sentavam nele. Sua voz era curva pela forma escura da boca. (Voz de sótão com baratas iluminosas.) Dava sempre a impressão que estivesse saindo de um bueiro cheio de estátuas. ___ Conforme o viver de um homem, seu ermo cede ___ ensinava. Era a cara de um lepidóptero de pedra.

E tinha um modo de lua entrar em casa.

Deixou-nos um TRATADO DE METAMORFOSES cuja Parte XIX, *Livro de pré-coisas*, transcrevemos. (...). (BARROS, 2003: p.57)

Em um terceiro momento do poema, o poeta passa a transcrever o *Livro de pré-coisas* numa espécie de livro dentro do livro, onde Manoel de Barros, sintetizando a mensagem que busca deixar ao longo desta obra, constrói micros poemas que relembram mensagens já ditas em poemas anteriores. Podemos observar em micros poemas como: “(...) *Restolho tem mais força do que o tronco. Isso é uma desteoria que ele usava. Depois: ‘Viva a ascensão do restolho!’ (Palavras de Chico Miranda.)*” (Barros, 2003: p.61) a mensagem deixada pelo poema *Carreta pantaneira* onde Barros fala da teoria do Pantanal estático.

O sétimo poema do terceiro capítulo, *A volta (voz interior)*, é o momento em que o poeta sai do sexto poema que é o “Livro de pré-coisas” transcrito dentro do *Livro de Pré-coisas* e volta a transcrever a matéria natural, e se até agora o enfoque maior de Barros era as águas, aqui o poeta dá ênfase a terra.

Manoel de Barros começa descrevendo o espaço geográfico do Pantanal “(...) *Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu. Não há lombo de morro pro sol se esconder detrás.*” (Barros, 2003: p.67). E segue relatando o chão úmido e as distâncias entre uma

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

fazenda e outra, “(...) *Mole campanha sem gumes. Lugares despertencidos. Gente ficava isolado. O brejo era bruto de tudo. Notícias duravam meses.*” (Barros, 2003: p.67), a partir dessas características é possível reconstruirmos no nosso imaginário¹² as imagens, ainda que surreais,¹³ do cenário pantaneiro.

A poesia de Barros transcreve o Pantanal como um lugar de terra úmida, plaina e sem lados, “Mole campanha sem gumes”, com muitos lugares inabitáveis, onde são as águas que determinam a velocidade das notícias e dos contatos humanos.

Manoel de Barros segue lembrando suas primeiras experiências no Pantanal, “(...) *Mancei muito animal chucro nesses inícios. Já hoje não monto mais.*” (Barros, 2003: p.67). Em entrevista concedida a Julia Branco, Rafael Otávio, Gabriel Sanna e João Rocha (2009) para a gravação do filme *Língua de Brincar* (2009) dirigido por Lucia Castello Branco, Manoel de Barros fala sobre sua vinda definitiva para o Pantanal em 1956 para morar em um rancho feito pelo “Ganguçu”¹⁴ e sobre o seu pioneirismo. O que reforça mais uma vez, que as experiências representada e transcritas no *Livro de pré-coisas* por Barros partem da realidade vivida pelo poeta.

A literatura aqui é vista como um documento, a partir do qual recuperamos memórias e imaginários como elementos fundamentais para nossa perspectiva histórica. Tais memórias e imaginários são representados e, sobretudo, interpretados à luz do tempo de cada geração partindo das realidades singulares, no caso em questão, da realidade do poeta Manoel de Barros. Assim, podemos concluir que o poeta levanta seus problemas e os

¹² Imaginário aqui são construções sociais e, portanto, históricas e datadas, que guardam as suas especificidades assumem configurações e sentidos diferentes ao longo do tempo e atrás do espaço, conforme a perspectiva de Jacques Le Goff. C.F: LE GOFF. Jacques. *L'imaginaire medieval*. Paris: Gallimard, 1985

¹³ MENEGAZZO, M. A. A poética visual de Manoel de Barros. In: *Anais IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, 2004, Évora. Estudos literários/Estudos culturais. Évora: Ed. Universidade de Évora/APCL, 2004. v. 3. p. 1-8.

¹⁴ Ganguçu é o nome atribuído ao que poderíamos dizer de “peão Valente”, ele faz de tudo na fazenda, mas é mais conhecido pela sua valentia em espantar os animais mais ferozes como, por exemplo, as onças que atacam o gado.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

solucionam a partir de seus referenciais e conceitos, que se renovam com o tempo e, serão recepcionados por uma nova geração, em um novo contexto.

Podemos perceber que umas das grandes críticas que Manoel de Barros procura enfatizar com este livro, é a questão do que realmente é importante e para quem é, e o que é o desimportante e para quem é? O que é útil e necessário e o que não é necessário como ressalta Rodrigues (2006) em sua dissertação de mestrado.

Livro de Pré-coisas rompe com paradigmas construídos de modo geral pela sociedade capitalista a respeito do Pantanal (cenários da flora e fauna e pantaneiros). O poeta propõe aqui um aprecio pelas coisas mínimas que são desprezadas e ignoradas pelos estereótipos construídos pela sociedade, “(...) *Bonito é o desnecessário.*” (Barros, 2003: p.68).

Tendo em vista, que Barros teve uma influente militância no Partido Comunista do Brasil, é que interpretamos tais versos como uma crítica ao capitalismo¹⁵, as influências de esquerda do poeta também podem ser analisadas em obras como *Gramática expositiva do chão* de 1966, na parte *Protocolo vegetal* (Barros, 2007: p.7), onde Manoel de Barros fala de um preso que é artista e lê Marx, em plena ditadura militar, elevando a sua obra a instrumento de protesto. Questão esta que pode ser vista não apenas do ponto de vista das discussões propostas nas obras, mas também pela forma de escrita da obra que propõe uma quebra nos padrões estéticos proposto pelas normas.

O oitavo poema do terceiro capítulo, *A fuga (voz interior)*, fala do período em que o poeta sai do Pantanal com dezoito anos. De quando ele foi para o quartel e chega a ser sargento, de quando foi para o seminário e de suas viagens para o exterior.¹⁶ Manoel de Barros usa suas fugas para explicar seu apreço pelo Pantanal, seu novo olhar para as coisas que o formaram, “(...) *Hoje estou comparado com árvore. Sofrimento alcandorou-me. Meu olho ganhou desejos. Vou nascendo de meu vazio. Só narro meus nascimentos.*” (Barros, 2003: p.69). Barros conclui neste poema que foram as suas vivências fora do

¹⁵ *Folha de S. Paulo*. Manoel de Barros cisca “Grandezas do Ínfimo” <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrd/fq2811200116.htm> acesso em 06/04/2009.

¹⁶ Sobre as viagens de Manoel de Barros para o exterior C.f.; CASTELLO, José. Manoel de Barros faz do absurdo sensatez. *Jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 03 de dezembro de 1993. Disponível em : <<http://secrel.com.br/jpoesia/castel11.html>>. Acesso em 26 de novembro de 2007

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Pantanal que fizeram com que ele dessa mais importância as suas vivências e experiências adquiridas no cenário pantaneiro, fez com que ele entendesse que “(...) *Há muitas importâncias sem ciência*”. (Barros, 2003: p.71)

O nono poema deste capítulo, *De calças curtas*, é um poema dedicado a contar as brincadeiras e travessuras das crianças pantaneiras, partindo sempre, da memória da infância do poeta. Contudo este poema tem a função de mostrar que as travessuras das crianças no pantanal são bem diferente da das crianças da cidade, começando pelos objetos de brincar, que se fazem dos próprios elementos da natureza (sapos, cachorro, jacaré, porco, árvores, chuva, etc. etc.).

Passar taligrama no mato. Fazer barata dormir de costas. Assobiar com o subaco. Esfregar pimenta no olho do irmãozinho. Matar bentivi a soco. Capar gato com caco de vidro. Sondar as priminhas no banho. Botar saracura na sogá pra chamar chuva. Enfiar ferro em brasa na cona das jacaroas. Andar de árvore nos corixos. Espremer sumo de laranja no olho do sapo pra ver se arregala o horizonte. Arrolhar galinha com sabuco. Botar coração de anu-branco torrado na cabeça da namorada pra fim do corpo dela amolecer. Cortar procissão de formiga na força do mijo. (BARROS, 2003: p.71-72)

Podemos observar que em momento algum o poeta coloca as travessuras das crianças pantaneiras superior ou inferior a das demais crianças, o que Manoel de Barros coloca em questão com este poema é a interação do homem pantaneiro com os seres do Pantanal, desde a infância, e sobretudo, como se dá essa interação a partir do cenário pantaneiro onde ao invés das crianças interagirem com os programas televisivos ou jogos computadorizados elas interagem com a natureza.

O décimo e último poema deste capítulo, *Dos veios escatológicos*, é o momento em que Manoel de Barros fala dos meios de povoação da zona da Nhecolândia. De um modo divertido o poeta conta como eram as relações sexuais do pessoal da Vila, fala sobre os trieiros no mato feitos para suprir as necessidades fisiológicas da população, ainda no começo da formação da vila e os fins para a procriação que eles acabaram por tomar, “As

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

lides de cagar facilitavam encontros de amor. (...) Lugar onde se fode e se caga no mato há de ser este!!!” (Barros, 2003: p.73).

Outra questão que podemos observar com este poema é a influencia religiosa na obra de Manoel de Barros, podemos perceber em sua obra memórias dos dez anos em que passou em um seminário católico no Rio de Janeiro¹⁷, ainda que tais referências apareçam como metáforas, como é o caso da frase. “De forma que *sujos de suas obras*, como se lê no *Eclesiastes*”. (Barros, 2003: p.73) Onde o poeta usa o termo bíblico *sujos de suas obras* como uma metáfora para descrever os homens que eram derrubados pelos porcos, no momento em estavam fazendo suas necessidades fisiológicas nos trieiros que foram criados na vila, e saiam de lá sujos por suas próprias fezes.

Todavia, *Dos veios escatológicos*, também é um poema que fala dos nascimento de Barros, aqui ele nos conta como se deu a construção deste lugar onde mais tarde seria a sua casa.

(...)Se usavam demais os dedos nos barrotes a fim de impulsionar as redes. Davam-se cópulas balançadas e refrescantes. Assim, os barrotes dos quartos sempre estavam furados. E por eles podiam-se ver as primas nos urinóis. Coisa imanente e afrodisíaca, que muito deve ter influído nas voyeurísticas daquele povo. Bem como o hábito do guaraná que é bebida afrodisíaca, porém no seu ralar e não na substância da bebida. Eis que no ralar a mulher meneia os quadris. Coisa que eu não descreio.

Pois foi esse povo ladino sensual e andejo que um dia atravessando o rio Taquari encheu de filhos e de gado o que se chama hoje, no Pantanal, a zona da Nheacolândia.” (BARROS, 2003: p.75)

Em síntese, *O Personagem* é um capítulo onde temos três poemas com o sub-título (*voz interior*), e entendemos com isso, que este é o capítulo que o poeta escolheu para se apresentar como personagem central desta obra. Entendemos portanto, que o personagem desta obra é o próprio poeta, uma vez, que a realidade transcrita aqui (o Pantanal), e transcrita a partir das experiências de vida do poeta, ou seja, é o olhar de Manoel de Barros

¹⁷ C.f.; *Folha de S. Paulo*. Manoel de Barros cisca “Grandezas do Ínfimo” <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrd/fq2811200116.htm> acesso em 06/04/2009

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

que delimita o referencial de onde o Pantanal é analisado e sobretudo, transcrito, ou como prefere o poeta, transfeito em poesia.

O quarto e último capítulo deste livro é o *Pequena história natural*, ele é composto por sete poemas, todos poemas pequenos que falam sobre a fauna do Pantanal, não que os outros não tenham falado, mas este é o capítulo que o poeta escolheu para se dedicar exclusivamente a está temática.

O primeiro poema, *De urubu*, retrata o aparecimento dos Urubus no fim das enchentes, o Urubu é uma ave que se alimenta de restos mortais, e depois das cheias vão para o Pantanal a procura dos animais que morreram com a cheia e que já estão em estado de decomposição. Fica claro no poema a dependência dessa ave do ciclo das águas, pois o poeta poderia retratar aqui somente a ave em si, mas não, o Urubu aqui retratado é o Urubu do Pantanal que como os demais seres deste lugar, ele também sobrevive da relação da terra com as águas.

Podemos observar mais uma vez, as referências bíblicas do autor, agora para exemplificar os hábitos dos Urubus: “(...) Sobre isso diz o livro: __ Pessoa que comer carne de animal que morre estará inunda até de tarde __ e desse modo se purificará. Isso está no Levítico. Urubu tem muita fiúza no Levítico” (Barros, 2003: p.80).

O segundo poema, *Socó-boca-d’água*, é sobre um pássaro, que é considerado muito feio e que se chama socó-boca-d’água, este pássaro se alimenta de peixe, “(...) O socó-boca-d’água é puro de corixo. Pantaneiro escarrado. Sabe onde mora o peixe desde quando por aqui era mar de Xaraés¹⁸.” (Barros, 2003: p.82). Socó-boca-d’água também é um pássaro que depende dos ciclos das águas, pois é daí, que vêm os seus hábitos alimentares.

O terceiro poema, *De tatu*, ele retrata os hábitos do tatu, falando da facilidade que este animal tem no cerrado e nas águas do Pantanal, “(...) Nas águas o tatu desaparece. Entra de ponta no cerrado. Diz-se que caiu na folha. Que folhou. De fato, nas águas todos folham, esses tatus!”. Não diferentemente dos demais poemas deste capítulo, *De tatu*, também busca retratar o animal dentro dos seus hábitos, contudo, sempre evidenciando suas relações com as águas e deixando claro que a fauna transfeita no último capítulo deste livro

¹⁸ Mar de Xaraés é o nome usado pelos índios, Paiaguas e Guaicurus, para denominar o Pantanal.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

é a fauna pantaneira, que até pode existir em outros lugares do mundo, mas que aqui recebem uma outra dimensão, pois fazem parte das vivências do poeta, e sobretudo interagem com o cenário proposto por Manoel de Barros.

O quarto poema, *O quero-quero*, é sobre um passarinho da região que tem esse nome por causa do som do seu canto, que parece dizer repetidamente “quero-quero”, novamente temos as referências bíblicas como instrumento de comparação: “(...) *Quero-quero tem uma vida obedecida, contudo, Ele cumpre Jesus. Cada dia com sua tarefa. Tempo de comer é tempo de comer. Tempo de criar, de criar*”. (Barros, 2003: p.85). Contudo o que Barros procura enfatizar neste poema é a relação deste pássaro com a terra, com o chão. “(...) *Em tempo de namoro quero-quero é boêmio. Não aprecia galho de árvore para o idílio. Só conversa no chão. No chão e no largo. Qualquer depressãozinha é cama. Nem varre o lugar para o amor*.” (Barros, 2003: p.86), Contudo, não podemos deixar de ressaltar o estado de animação que o poeta eleva esse ser, dando-lhe a condição de humano, uma vez, que esse pode conversar, dentro da poética de Barros.

O quinto poema é o *De cachorros*, diferente dos demais poemas deste capítulo, que relatam a relação dos animais de seus títulos com a natureza, este poema vai contextualizar os hábitos do Biguá, ao invés dos hábitos dos cachorros. Biguá é uma ave que vive nos grandes rios ou em costas marítimas. Muito hábil com as águas, o poeta relata que não há cachorros que consiga pegar um biguá na água.

Cachorro observa das margens, com olho gordo. Biguá costura o rio na frente do cachorro. Desliza de leve, remenda água de baixo pra cima. Desfila.

Cachorro espicha o olho úmido. E súbito pula sobre a ave.

Biguá mergulha e aparece do outro lado.

Cachorro se desgoverna.

Biguá mergulha de novo. Aparece mais longe. Dá adeusinho.

Cachorro volta sem graça, rabo entre as pernas.

Biguá se despede no sarã / Cachorro desiste humilde.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

Biguá se desfralda no sarã. Toma porre de sol. (BARROS, 2003: p. 89)

No sexto poema, *De quati*, o poeta usa o exemplo do quati, que tem mais habilidades nas árvores do que na terra para falar dos animais com pouca habilidade na terra e para dar exemplos de outros animais com muita habilidade na terra como por exemplo, o Tamanduá.

O sétimo e último poema do quarto capítulo e conseqüentemente do livro. É *A nossa garça*, a garça assim como Bernardo, perpassa a obra de Manoel de Barros. As garças pantaneiras são dignas de grande admiração e inspiração do poeta. “(...) *A Elegância e o Branco devem muito às garças. / Chegam de onde a beleza nasceu?*” (Barros, 2003: p.93). Assim Barros fecha o seu livro com um poema que exemplifica mais uma vez a relação dos seres do Pantanal com as águas.

Existe um ponto que une todos os poemas deste capítulo, pois não é apenas sobre animais que falam estes poemas, mais sim, de animais pantaneiros. Isso fica claro nas frases como a do poema *Socó-boca-d’água*. “Pantaneiro escarrado” e a do poema *A nossa garça* “(...) *Penso que têm nostalgia de mar essas garças pantaneiras.*” (Barros, 2003: p.93) Outro fator que aparece muito neste capítulo são as referências bíblicas e religiosas do poeta. Contudo, o traço mais forte deste capítulo é a relação desses seres com a terra e as águas, elementos esses presente não apenas neste capítulo mas em toda a obra do poeta.

Quando Manoel de Barros diz no anúncio desta obra que o organismo do poeta adoece a natureza, isso significa que ele antropomórfica as coisas da natureza, como por exemplo, nas frases “enfrutar ruínas”, Barros dá às coisas um estado de animação a partir do momento que as transcreve. Atribui características da natureza animada para uma rocha e dá aos pregos a condição de fazer brotar algo, é por isso que ele adoece a natureza, porque à transfigura.

Vale ressaltar que a partir do momento que o poeta redimensiona a condição das coisas no pantanal ele conseqüentemente redimensiona a condição do homem, ainda que igualando-os, e é justamente essa inversão que leva o poeta a construir seus personagens sempre partindo da natureza, ou seja, todos os personagens de Barros são retirados da natureza e interagem com as cenas do cotidiano; (Grilos, lagartos, cágados, larvas, sapo,

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

tênias, formigas, Arrais, tatu, vermes, crianças, homens, mulheres , Bernardo, etc. etc.). Bernardo é um exemplo dessa condição, pois no primeiro poema do capítulo *O Personagem*, onde o poeta apresenta Bernardo, Barros deixa claro que Bernardo está pronto a poema à medida que fica comprovado sua total interação com a natureza.

Todavia, todos esses itens são revelados nos poemas a partir da importância que tais tem para Manoel de Barros é o olhar de Barros que dá novos sentidos à paisagem pantaneira. Nesta perspectiva, dar vida às coisas, animar, tornar expressivas essas “coisas”, se apresentam para Barros de fundamental importância, para classificar esses seres como indivíduos, seres dotados de vida, revelando a importância da vida desses seres em um locus específico, ou seja, o Pantanal Sul – Mato-grossense.

Tais indivíduos partilham da existência única de viver nesse ambiente. É por isso que eles são revelados somente a partir da sua relação com a terra e com as águas. É nesse sentido que cabe ressaltar que o *Livro de pré-coisas* nos revela dois momentos o primeiro é a animação das coisas e seres, logo a equidade dos homens em relação a outros bichos e seres inanimados, e a segunda, a relação desses seres nesse ambiente das águas e da terra, lembrando que as águas são de fundamental importância para a valorização das terras no Pantanal, aumentando sua importância.

Em síntese, Manoel de Barros transfaz a matéria natural em matéria de poesia e dá origem à pré-coisa, que não é a coisa em si, mas antes uma anunciação desta. Nessa conjuntura, a poesia de Barros se apropria dos elementos (fauna, flora, linguagem e indivíduos) do Pantanal Sul mato-grossense para construir sua crítica poética à sociedade imediatista, partindo de um olhar construído por sua militância de esquerda. E consegue nos revelar um novo mundo onde as “coisas” acontecem desacomodando.

Bibliografia:

AZEVEDO, Lucy Ferreira. *Paixões e identidade cultural em Manoel de Barros: o poema como argumento*. São Paulo. 2006. p.21 (Tese de doutoramento em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP).

BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. 6ª ed. Rio de Janeiro. Record. 2007.

BARROS, Manoel de. *Livro de pré-coisas*. 4ª ed. Rio de Janeiro. Record. 2003.

O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins da Silva

BARROS, Manoel del. *Livro das Ignoranças*. 10ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*, Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2005.

CÂMARA. Ricardo Pieretti. *Os causos: uma poética pantaneira*. 2007. São Paulo, USP, 2007, 393 (Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia e Letras FFCHL).

CASTELLO, José. Manoel de Barros faz do absurdo sensatez. *Jornal O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 03 de dezembro de 1993. Disponível em : <<http://secrel.com.br/jpoesia/castel11.html>>. Acesso em 26 de novembro de 2007

CASTELHO, Jose. Manoel de Barros busca sentido da vida. In: O estado de S. Paulo. Caderno 2. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/caste109.html> Acesso em: 26/11/2007.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____ *Á beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2002. p. 61 – 79.

Folha de São Paulo. Manoel de Barros cisca “Grandezas do Ínfimo” <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrd/fq2811200116.htm> acesso em 30/11/2007.

MARTINS, Bosco. In: www.youtube.com/watch?v=XWoxt_uteow. Acesso em 6/04/2009

MARTINS, Bosco. www.youtube.com/watch?v=VZeUUXAEZw Acesso em 6/04/2009.

MARTINS, Bosco; LOPES, João Carlos; SANTINI, José. Um Privilégio nosso e de nossos leitores. *Caros Amigos*. Dezembro 2008.p.39

MENEGAZZO, M. A..A poética visual de Manoel de Barros. In: *Anais IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*, 2004, Évora. Estudos literários/Estudos culturais. Évora: Ed. Universidade de Évora/APCL, 2004. v. 3. p. 1-8.

NOGUEIRA, Albana Xavier: *Pantanal: Homem e cultura*. Campo Grande/MS: ed. UFMS, 2002

PESAVENTO. Sandra Jatagy. História e literatura: uma velha-nova historia. In. COSTA, Cléria Botelho da e MACHADO, Maria ClaraTomaz. (orgs.) *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia-MG: EDUF, 2006. p.11 a 28.

RODRIGUES, Ricardo Alexandre. *A poética da desutilidade: um passeio pela poesia de Manoel de Barros*. Rio de Janeiro, 2006. (Dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ).

SILVA, Kelcilene Garcia da, Intertextualidade: a poética de Rosa em Manoel de Barros. In: *Estudos Lingüísticos* XXXIII, p. 793-798, 2004.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. Poesia e historia: dialogo e reflexão. *ArtCultura*. Uberlândia, v.07, n.10, p.20, jan-jun. 2005

ZILIANE, José Carlos. Tentativa de definir a identidade em Mato Grosso do Sul pelo gentílico Guaicuru. *Anais do VI Encontro de História de Mato Grosso do Sul. “Mato Grosso do Sul: Memória e Identidades”*. Campo Grande: UCDB, 2002.

**O PANTANAL SUL MATO-GROSSENSE A PARTIR DA CONSTRUÇÃO POÉTICA
DE MANOEL DE BARROS NO Livro DE PRÉ-COISAS (1985)– por Fernanda Martins
da Silva**

Recebido dia 31 de agosto de 2011

Aprovado dia 08 de dezembro de 2011